

DISCREPÂNCIAS ENTRE A PONTUAÇÃO E AS PAUSAS

LEONOR SCLiar-CABRAL*

BERNARDETE BIASI RODRIGUES

Universidade Federal de Santa Catarina/DLLV

1. PROBLEMA

O texto oral e o escrito apresentam regras próprias de estruturação, decorrentes das diferenças de processamento das entradas e saídas de sinais distintos e suas sucessivas representações.

Neste trabalho apresentaremos evidências empíricas que confirmam esta tese a partir das diferenças encontradas entre as pausas¹ e a pontuação, abordando-as sob os seguintes enfoques:

1.1 Diferenças de função

1.2 Diferenças de processamento

1.3 Aquisição no uso das pausas e aprendizagem no da pontuação.

Daremos, preliminarmente, uma definição operacional de pausas, tal como é utilizada no presente trabalho: optamos pela definição acústico-perceptual (Freitas, 1990:28). Sendo assim, foram consideradas pausas vazias todas as ocorrências dentro de uma janela de 10 segs., em que são verificadas ausências de energia do sinal acústico da fala no espectrograma, a partir de 130 ms., confirmadas pela percepção do silêncio ao ouvir o play-back. Foram consideradas pausas preenchidas, *stricto sensu*, as pausas continuativas como «daí» (PP). Também se levaram em consideração as interrupções não morfemáticas como as falsas partidas (FPs), isto é, enunciados interrompidos quer a nível submorfêmico, morfêmico, de palavra ou de frase, a maior parte deles retomados a seguir; e as pausas de conversação como «não tem?», que não aparecem no texto em exame. Com exceção das pausas de conversação, todas as demais pausas preenchidas têm a função de auxiliar no planejamento, execução e monitoria. As pausas

* Presidente da Sociedade Internacional de Psicolinguística Aplicada (ISAPL). Os mestrados da Universidade Federal de Santa Catarina, Giovanni Secco e Valteir Martins colaboraram, o primeiro, na coleta de dados e o segundo, no tratamento técnico com o programa CECIL.

¹ O fenômeno da pausa é focalizado pela primeira vez na literatura linguística por Trager (1958, 1961), ao dividir os três tipos de eventos que se utilizam do aparelho fonador para fins paralinguísticos: a linguagem propriamente dita, a qualidade da voz e as vocalizações... "Um enfoque anterior do ponto de vista psicolinguístico é feito por Lounsbury (1954), enquadrando-o na hesitação." (Scliar-Cabral, Martim e Chiari, 1981:124).

silenciosas podem exercer ambas as funções. Também foram levadas em consideração as durações (D).

1.1 Diferenças de função

Conforme comunicação pioneira apresentada ao IV ENL em outubro de 1979, no Rio de Janeiro (Scliar-Cabral, P.Martin e Chiari, 1981), era apresentado um paradigma das pausas na língua portuguesa falada no Brasil, obedecendo basicamente a duas funções: função de codificação e de integrante dos traços de conversação (ib.:127).

Preferimos hoje denominar o primeiro grupo de função de planejamento, execução e monitoria, servindo para propiciar tempo ao emissor a fim de traduzir o pensamento em estruturação lingüística², selecionar o registro adequado ao seu interlocutor, acessar e puxar os itens lexicais³, acionar os gestos vocais e articulatórios adequados e corrigir possíveis falhas de execução.

As pausas integrantes dos traços de conversação, que não aparecem no texto analisado, têm o objetivo já assinalado em análise do discurso de conseguir retroalimentação do interlocutor, mantê-lo preso ao discurso e manter, assinalar ou assumir mudança de turno .

Ambas as funções estão em distribuição complementar, assumindo as primeiras pausas a posição preferencial em início dos enunciados e, em se tratando das pausas plenas não continuativas, não coincidentes com as junturas entre os constituintes maiores: não existe isomorfismo entre a separação destes constituintes e a distribuição das pausas, o que leva a concluir que outros fatores, como os já apontados de planejamento, execução e monitoria, sejam os maiores responsáveis pelas ocorrências (vide apêndice). A ausência de isomorfismo entre a hierarquia sintática e a ocorrência das pausas também foi atestada por Viana (1987) e Freitas (1990:179). As pausas preenchidas de planejamento apresentam ainda um padrão entoacional sistente ou descendente, enquanto as dos traços de conversação, situadas em geral ao final de uma cláusula ou enunciado apresentam um padrão entoacional ascendente.

As diferenças quanto à função entre as pausas e a pontuação decorrem das diferenças de processamento das entradas e saídas de sinais de natureza distinta e suas respectivas representações: o sinal acústico da fala apresenta como uma de suas características a transitoriedade e depende sobretudo dos limites que as memórias a curto e médio prazo impõem para seu processamento. Sendo assim, a produção das mensagens, sensível a estes limites, vale-se de verdadeiras muletas, as pausas, toda a

² Butterworth (1975) e Beattie (1979) consideram que são requeridas para o planejamento ideacional pausas maiores do que para o acesso lexical, hipótese comprovada à luz do exame do tempo maior constatado numa e noutra situação, no presente experimento.

³ Goldman-Eisler (1958 a, b) foi das primeiras a asseverar que haveria uma relação entre frequência das pausas e complexidade lexical.

vez que, em algum ponto do planejamento e da execução o emissor tropeça em alguma dificuldade. Esta constatação se torna transparente em experimentos como os de Freitas (1990:97), em que se compara o desempenho dos mesmos sujeitos em leitura em voz alta e fala espontânea. Esta autora constata «a existência de uma percentagem elevada de CASOS de não correspondência entre pausas e pontuação» e mais adiante (p.102): «Verifica-se, nas produções estudadas, um afastamento nítido entre a escrita e a oralidade». Embora produzido por professores universitários, quando o texto não está pronto e precisa ser planejado, ocorrem muito mais pausas silenciosas e as preenchidas não somente ocorrem apenas no texto espontâneo, quanto ocupam posição dentro de constituintes menores, sendo um dos indicadores das diferenças entre os dois registros. Outros pesquisadores também constataram tais diferenças, como Lucci (1983).

A principal função da pontuação é ajudar o redator a ordenar as idéias de forma coesa e coerente e, no caso do leitor, possibilitar o rastreamento desta ordenação. Se, por um lado, a produção do texto oral é muito mais dependente da memória a curto e médio prazo, na do escrito será possível atingir uma complexidade sintático-semântica muito maior, não somente no que se refere à extensão das orações, quanto aos tipos e formas, como, por exemplo, orações partidas, auto-encaixadas e ao maior número delas num mesmo período. A divisão em parágrafos e períodos guia redator e leitor para uma taxonomia lógica hierárquica das idéias desenvolvidas, assim como assinala pela ausência da vírgula, o elo entre tópico e comentário. Eis por que a pontuação se rege por normas que se baseiam, nem sempre de forma mais adequada, na sintaxe de superfície.

A pontuação tem a função contextualizadora, igualmente, de assinalar as linhas melódicas correspondentes às perguntas, afirmações, dúvidas e, de forma lacunar e imperfeita, alguns aspetos expressivos e apelativos, bem como a alternância dos falantes no diálogo e a topicalização (estas últimas funções não nos ocuparão neste trabalho).

Em virtude desta diferença funcional, não existe, voltamos a repetir, isomorfismo entre as pausas e a pontuação.

1.2 Diferenças de processamento

Em decorrência das diferenças da natureza dos sinais e dos respectivos canais e centros de processamento utilizados na comunicação áudio-vocal e visuo-manual, os processamentos aí envolvidos também são diferentes: enquanto na produção da fala, a partir de uma intencionalidade, se traduz pensamento em estruturas lingüísticas para depois executá-las em gestos pelo aparelho fonador, monitorados pela retroalimentação e voltados para um destinatário presente na situação dialógica mais canônica da fala, o que caracteriza a comunicação escrita canônica, a ruptura do elo espaço-temporal entre redator e leitor.

Sendo assim, a coisa escrita se caracteriza pela permanência, permitindo tanto ao redator quanto ao leitor retrocessos para compensar acidentes de percurso no

processamento. Estes retrocessos dispensam e tornam inaceitável a presença de pausas preenchidas no texto escrito, com exceção das continuativas e de retificação (as chamadas partículas, na NGB) mas, por outro lado, deslocam o peso da informação contida na entoação para os sinais gráficos, de modo lacunar e imperfeito, conforme asseveramos acima. A ruptura espaço-temporal, entre os interlocutores, na comunicação escrita, implica a impossibilidade de o redator perceber se o seu interlocutor o está acompanhando e/ou entendendo e coloca de forma imperiosa a necessidade de marcas gráficas tais como os espaços em branco que separam as palavras (classes sintáticas) e da pontuação, inclusive o 0 (zero) para assinalar as estruturas sintáticas de superfície.

A recíproca é verdadeira no que tange ao leitor. Em decorrência, a produção das pausas tanto silenciosas quanto preenchidas é feita de forma automática, não consciente e independe de qualquer capacidade metalingüística, o mesmo não ocorrendo com a pontuação.

Cabe assinalar, ainda, o *continuum* que caracteriza a cadeia da fala, tanto no que diz respeito ao sinal acústico que resulta da compressão e rarefação das moléculas de ar a partir de uma fonte sonora quanto dos gestos do aparelho fonador: este *continuum*, onde se apresenta a maior ausência de isomorfismo entre o sistema de comunicação verbal oral e escrito, somente é quebrado pelas ausências de energia que ocorrem nas pausas silenciosas e nas frações de milissegundos que precedem a vibração das cordas vocais nas oclusivas não vozeadas. Na escrita, os espaços em branco que separam as palavras são ditados pelas normas de indexação lexical inspiradas nas partes do discurso ou classes sintáticas, cujos limites ainda desafiam a argúcia dos lingüistas e de modo algum se consegue registrar as diferentes ocorrências fonéticas de um mesmo fonema e as reanálises silábicas condicionadas pelo contexto, nas junturas externas fechadas dos vocábulos, ou *sandhi*. Com mais razão ainda, isto se refere aos segmentos fônicos, cujos grafemas, realizados pelas letras, representam de modo imperfeito os fonemas nos sistemas alfabéticos, nas sequências regulares das palavras: as letras contrastam entre si, particularmente na imprensa, enquanto na cadeia da fala o que se observa é a coarticulação.

1.3 Aquisição no uso das pausas e aprendizagem no da pontuação

Coerentemente com o acima exposto, sendo o sistema oral adquirido por toda a criança normal desde que interaja em contextos comunicativos de forma espontânea, assim ocorre igualmente com as pausas tanto silenciosas como preenchidas. As primeiras são ainda necessárias para possibilitar os grupos de respiração, o que, novamente caracteriza seu caráter automático e involuntário. Quanto às pausas de preenchimento, são de tal forma condicionadas que, na aprendizagem de uma segunda língua constituem, com os alofones e a entoação, as manifestações que mais denunciam o falante não nativo.

O sistema escrito, salvo raríssimas exceções, é construído no contexto do ensino-aprendizagem e isto se aplica também à pontuação. Acresce que as variedades

sociolingüísticas de uma mesma língua, para não mencionar os idioletos, são numerosíssimas enquanto a norma escrita é uma só para uma vasta extensão territorial. No que diz respeito às normas de pontuação, na língua portuguesa, elas são regidas por critérios de ordem sintática, estabelecidos no Brasil, pela Nomenclatura Gramatical Brasileira.

Como consequência, os pré-requisitos para pontuar são saber redigir, aplicando à redação conhecimentos metalingüísticos sobre a sintaxe de superfície. Evidentemente, existem outras estratégias de aprendizagem, como as que resultam da internalização das regras de pontuação através de muita leitura de bons textos, porém cabe novamente enfatizar que os processos são diferentes, principalmente no que se refere aos automatismos de uns em contraposição à postura metalingüística.

2 . HIPÓTESES

2.1 Hipótese Principal

Com base na colocação do problema acima, a seguinte hipótese de trabalho norteia esta pesquisa:

A localização e frequência das pausas na comunicação oral não apresentam isomorfismo em relação com a pontuação.

2.2 Hipóteses Secundárias

As pausas preenchidas não ocorrem no sistema escrito, salvo as continuativas e de retificação.

Quanto mais baixos os níveis de processamento, tanto maiores as discrepâncias entre as pausas e a pontuação.

3. METODOLOGIA

3.1 Sujeitos

O experimento foi aplicado em alunos da 8ª série do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. A opção pela 8ª série deveu-se ao fato de esses alunos terem estudado pontuação como conteúdo programático na série anterior.

Na primeira etapa, foram entrevistados 13 sujeitos e, das amostras recolhidas, foi selecionada uma para a presente comunicação.

3.2 Equipe

As entrevistas foram feitas por Bernardete B. Rodrigues, mestranda em Letras/Linguística na UFSC, com a colaboração do mestrando Giovanni Secco, da mesma Universidade, que se ocupou de algumas das muitas operações necessárias à aplicação dos instrumentos.

O tratamento técnico dos dados foi executado pelo mestrando Valteir Martins (UFSC) através do programa CECIL com o acompanhamento da pesquisadora Bernardete B. Rodrigues e sob orientação lingüística de L.Scliar-Cabral.

3.3 Situação e instrumentos de pesquisa

A entrevista se deu em três etapas: 1) cada informante foi estimulado a narrar oralmente uma experiência pessoal; 2) a seguir, foi convidado a escrever o que contou; 3) por fim, foi-lhe solicitado que justificasse oralmente os sinais de pontuação (etapa que não será comentada neste trabalho).

A primeira e terceira etapas foram gravadas sobre fita magnética com um gravador e um microfone unidirecional. Para a redação, cada sujeito recebeu uma prancheta e uma folha pautada com 20 linhas numeradas. A gravação das justificativas foi acompanhada por Rodrigues com observações em protocolo próprio.

Para o tratamento acústico da produção oral, utilizou-se o programa CECIL (extração computadorizada dos componentes da entoação da fala) criado pelo *Summer Institute of Linguistics*, programa que permite examinar, em janelas de 10 ms, as unidades selecionadas por meio de cursores verticais. Acoplado ao computador, usou-se um CECIL INTERFACE - 500 (*speech box*) para se fazer a conversão analógico-digital do material sonoro. O programa também fornece a duração em ms de cada unidade de análise selecionada.

Inicialmente os pesquisadores Rodrigues e Secco se apresentaram a cada turma como alunos do curso de pós-graduação da UFSC. Em seguida explicaram que estavam fazendo uma pesquisa para dissertação de mestrado e que precisavam de colaboradores. A atividade seria ao ar livre e constava de uma entrevista gravada que não sofreria qualquer tipo de avaliação escolar. A escolha seria feita por sorteio e ficava garantido o anonimato de todos os participantes. Cada aluno sorteado seria chamado por Secco e conduzido ao local da entrevista. Ressaltou-se, ainda, a importância de se manter sigilo sobre a atividade até que o último colega fosse chamado para não prejudicar a experiência.

As gravações foram feitas em ambiente externo previamente testado para garantir a qualidade da gravação. O local era imediatamente próximo ao prédio onde os alunos estavam tendo aula de Iniciação para o Trabalho.

Um a um foram sendo chamados por Secco sem saberem que tinham sido previamente sorteados. Após cada entrevista, o informante era reconduzido à sala de aula e os pesquisadores lembravam-lhe da importância de manter segredo sobre a atividade até o fim da experiência.

3.4 Delimitação das Unidades

3.4.1 Textos orais:

A delimitação das unidades orais a serem mensuradas e analisadas coloca ao pesquisador dilemas decorrentes da própria natureza do sinal acústico da fala, a começar pela mensuração das pausas vazias, uma vez que, se forem seguidas de oclusivas surdas, ambos os silêncios se confundirão no espectrograma. Sendo, porém, o silêncio que se observa antes do relaxamento da oclusão que precede a vibração das cordas vocais de muito menor duração que o das pausas silenciosas, adotamos o mesmo critério de Freitas(1990), incorporando-o ao silêncio das pausas vazias. Veja-se, por exemplo, a duração do silêncio que antecede a ruptura da oclusão em «eu tava» (BLOCO 1), ou seja, 63 ms.

A seguir, apresentaremos os critérios adotados para a codificação das categorias.

3.4.1.1 Seqüência fônica (SF): enunciado cuja demarcação inicia com a presença de energia do sinal acústico da fala, excluídas as pausas preenchidas (PP) e termina antes da ausência da mesma energia e/ou de pausas preenchidas. Incluem-se, portanto, na SF as falsas partidas (FP) no início e no final, quando não separadas daquela por pausa silenciosa (PS).

Incluem-se nas seqüências fônicas os prolongamentos. Veja-se, no BLOCO 1 a delimitação da SF1 entre barras, que começa depois da PS1 e vai até a PS2.

Será assinalado o número de SFs por texto: no caso, foram encontradas 15. Conforme se verifica, foi usado um critério fundamentalmente acústico, aproximando-se nosso enfoque ao de Freitas (1990:50) e não aos da teoria prosódica que utilizam como unidades os grupos entoacionais (cf. Crystal, 1969).

3.4.1.2 É assinalada a duração de cada pausa silenciosa por texto, bem como o local onde ocorrem, como, por exemplo, PS1, com 413 ms, no BLOCO 1.

3.4.1.3 São assinaladas a duração, localização das pausas preenchidas, das falsas partidas e das durações ou prolongamentos, como, por exemplo, a PP1, com 165 ms.

As pausas vazias, preenchidas e as falsas partidas podem estar combinadas entre si, como no início do BLOCO 1 (1'408).

3.4.2 Nos textos escritos

3.4.2.1 Serão assinalados os pontos parágrafos, os pontos períodos, interrogações, exclamações, reticências, dois pontos, hifens, travessões, aspas, parênteses e sublinhados e os conectivos interoracionais, bem como as posições ocupadas por estas sinalizações, em relação com as divisões das narrativas em episódios, cenários, eventos e coda, cf. apêndice *in fine*.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Produção oral

No apêndice apresentamos a transcrição da narrativa produzida pelo informante AL. Foram feitas as seguintes sinalizações para ajudar o leitor a acompanhar a produção das pausas:

Na 1ª linha estão assinalados os números dos Episódios, Cenários e Eventos (Ep1...n; Ev1...n; C1...n). Na 2ª linha assinalam-se os números de cada janela de 10 ms (AL1...n), e das seqüências fônicas (SF1...n).

Na 3ª linha é feita a transcrição canônica do texto e a transcrição fonética de todas as pausas preenchidas. As barras // assinalam as pausas silenciosas.

Na 4ª linha é assinalada a tipologia: pausas preenchidas propriamente ditas (PP1...n); falsas partidas (FP1...n) e prolongamentos (D1...n). São também assinaladas todas as pausas silenciosas (PS1...n).

Na 5ª linha são assinaladas as respectivas durações em ms e na 6ª os totais que resultam das combinatórias das pausas.

Em relação à distribuição das pausas, de acordo com a posição nas unidades, desde o nível mais baixo, ou submorfêmico até o nível mais alto que assinala início de episódios, foram encontradas pausas entre os seguintes níveis: nível submorfêmico (13 pausas, entre as quais predominam os prolongamentos, ou seja, 9 D): o exemplo mais crucial de ruptura a nível submorfêmico, dado no BLOCO 7, com a FP5 + D7 em que há o rompimento da sílaba; entre constituintes mais baixos, encontramos pausas entre Det e N (2 PS), como no BLOCO 3, em FP2; entre Prep e N, numa FPrep (1 PS), como no BLOCO 11, na PS6; entre V e FN (2 PS) como no BLOCO 6, em D6 e PS7 e entre N e seu complemento (1 FP) como no BLOCO 10, em PS14; entre FN sujeito e FProp (1 PS e 1 FP), como no BLOCO 1. Todas estas ocorrências discrepam das normas de pontuação escrita e confirmam as hipóteses iniciais de Goldman-Eisler já referidas de que as pausas ocorrem preferencialmente quando o falante seleciona os itens de maior carga semântica, ou seja, os contentivos (substantivos e verbos).

Uma explicação à luz dos modelos psicolinguísticos mais recentes é a de que a memória para os itens puramente gramaticais é mais fácil de ser acessada, uma vez que o número de seus elementos é limitado, fechado e muito menor.

Verifica-se ocorrência de pausas entre constituintes que poderiam ser marcadas por pontuação opcional, como as que separam as locuções adverbiais (1 FP e 1D), como no BLOCO 10, a FP7; e as demais entre orações (5 PS e 2 PP), como no BLOCO 1, em PS2; entre sentenças (1 PS e 1 PP), como no BLOCO 3, em PS3; e entre episódios (3 PS e 2 PP), como entre os BLOCO 4 e 5, em PS5 e PP3. Finalmente, o início do texto, assinalado por 1 PP somada a FP, 1 D e uma PS, totalizando 1'408.

As hipóteses tanto principal como secundárias são confirmadas nesta descrição, uma vez que ocorrem 34 pausas na produção oral sem correlato na escrita

e somente 7 apresentam isomorfismo. Há ainda uma pontuação que seria obrigatória não assinalada por pausa.

As pausas preenchidas não ocorrem no sistema escrito, com exceção das pausas continuativas, como «áí», «daí» que se apresentam na produção oral com vários alomorfes.

Por outro lado, todas as pausas que ocorrem nos níveis mais baixos, até a junção entre FN sujeito e FProp têm a sua marcação vedada na escrita.

4.2 Produção escrita

O texto escrito é apresentado no apêndice *in fine*.

São utilizadas duas linhas: na 1ª constam os episódios (Ep1...n), cenários (C1...n) e eventos (Ev1...n) e categorias de pontuação escrita; na 2ª, o texto.

Verifica-se que o redator utilizou três parágrafos, dos quais dois subdividem os cenários, de acordo com o *foregrounding*. Somente o 3º parágrafo apresenta 3 eventos narrativos.

A separação entre as sentenças foi bem assinalada, com exceção de uma transgressão. Com exclusão da separação dos parágrafos, já assinalada, o segundo ponto (PT2) separa o cenário 3 do 4, onde é descrita uma habitualidade do cachorro e é neste período onde ocorre a transgressão, uma vez que um atributo do cachorro («ele tinha 3 meses de vida») é coordenado a esta habitualidade. A pontuação mais adequada, neste caso, seriam os parênteses, ou dois pontos.

As marcações entre orações dentro do período ocorreram com o uso da vírgula ou conectivo, concomitantemente com a de um conectivo coordenativo (CON5) e outro subordinativo (CON4). A V3 introduz uma oração interpolada, enquanto a V4 retoma a oração partida.

Uma outra vírgula, V2, separa o estereótipo das narrativas que costuma introduzir um episódio com evento, em contraste com o cenário.

Conforme se verifica, a pontuação foi regida por critérios de ordem sintática, estabelecidos pela norma escrita.

5. COMENTÁRIOS

A análise dos dados nos revela fatos importantes para as teorias sobre produção da fala no português, inclusive sobre tendências diacrônicas.

Uma afirmação de Mattoso Câmara Jr. de que os limites do vocábulo fonológico não coincidem com os limites morfológicos se vê a cada passo confirmada.

A discussão sobre modelos de produção da fala se enriquece com questões como: em que momento se dão as modificações sofridas pelas unidades morfológicas que ditarão a execução dos gestos do aparelho fonador?

Os dados mais interessantes a este respeito nos são fornecidos pelas falsas partidas e pelas fusões, muitas vezes verdadeiros *port-manteaux*:

Nas falsas partidas, observam-se antecipações que evidenciam o planejamento de conteúdos maiores, porém, o acesso lexical não se dá prontamente, o que demonstra que a ideação antecede a cobertura lingüística. O debate mais central da psicolingüística, ou seja, a relação entre pensamento e linguagem encontra evidências importantes para as hipóteses de que pensamento e linguagem não são idênticos e nem mesmo simultâneos em seu processamento. Rupturas de regras altamente condicionadas e automatizadas, como as do *sandhi* são verificadas, ditadas por dificuldades de acessar substantivos e verbos e por acidentes de percurso e/ou pela monitoria para corrigi-los.

Concluindo, as hipóteses levantadas se vêem confirmadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEATTIE, G.W. Planning units in spontaneous speech: some evidence from hesitation in speech and speaker gaze direction in conversation. *Linguistics*, 1979, 17 1/2:213-29.
- BUTTERWORTH, B. Hesitation and semantic planning in speech. *Journal of Psycholinguistic Research*, 1975, 1:75-87.
- CRYSTAL, D. Prosodic Systems and Intonation in English. London, Cambridge Univ. 1969.
- FREITAS, M.J.dos R. Estratégias de Organização Temporal do Discurso em Português. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, Lisboa, FL, Universidade de Lisboa, 1990.
- GOLDMAN-EISLER, F. Speech production and the predictability of words in context. *Q.J.Exp.Psychol.*, 1958a, 10:96-106.
- _____. The predictability of words in context and the length of pauses in speech. *Language and Speech*, 1958b, 1:226-236.
- LOUNSBURY, F.G. Transitional probability, linguistic structures and systems of habit-family hierarchies. In: C.E.Osgood e T.A.Sebeok (Orgs.) *Psycholinguistics, a survey of theory and research problems*. Baltimore, Indiana Univ. 1954:93-101.
- LUCCI, V. Étude Phonétique du Français Contemporain à travers la Variation Situationnelle. Grenoble, Pub. de l'Université des Langues et Lettres de Grenoble, 1983.
- SCLIAR-CABRAL, L.; Martim, E.G.P. & Chiari, B.M. Fenômenos de pausa e hesitação em língua portuguesa. In *Anais do IV Encontro Nacional de Lingüística*, Rio de Janeiro, PUCRJ. 1981:124-41.
- TRAGER, G.L. Paralanguage: a first approximation. *Studies in Linguistics*, 1958,3:1-12.
- _____. The typology of paralanguage. *Anthropological Linguistics*, 1961: 3:7-21.
- VIANA, M.C. Para a Síntese da Entoação do Português. Dissertação para Investigador Auxiliar em Lingüística Portuguesa, Lisboa INIC, 1987.

APÊNDICE

ANÁLISES DE UMA NARRATIVA ORAL E ESCRITA

CONVENÇÕES: EP= Episódios; C= Cenários; EV= Eventos; AL= janelas; SF= seqüência fônica; PP= pausa plena; PS= pausa silenciosa; FP= falsa partida; D= duração; \$= final de unidade; CON= conectivo; PT= ponto; V= vírgula; *= silêncio antes do relaxamento da oclusão que precede a vibração das cordas vocais.

EPISÓDIOS e EVENTOS EP ₁ ... C ₁ ...						BLOCO 1
AL ₁ e SF				SF ₁		
TEXTO	[a	ew	:]	// eu tav[ə :]	numa escad[v :]	//
TIPOLOGIA	PP ₁	FP ₁	D ₁	PS ₁	D ₂	D ₃ PS ₂
DURAÇÃO (em ms)	165	485	345	413	63*	308 325
498						
DURAÇÃO TOTAL	1'408					

EPISÓDIOS e EVENTOS ...EP ₁ ...			BLOCO 2
AL ₁ e SP	SF ₂		
TEXTO	ajudando o pai a pinta(r) a casa		
TIPOLOGIA			
DURAÇÃO	120*	99*	

EPISÓDIOS e EVENTOS ...EP ₁ ...C ₂ ...						BLOCO 3
AL ₁ e SF				SF ₃ ...AL ₂ ...		
TEXTO	//	[a'i	:]	//	[u'me]	o meu cachorro
TIPOLOGIA	PS ₃	PP ₂	D ₄	PS ₄	FP ₂	
DURAÇÃO PARCIAL	1'124	1'088	960	545	89*	
DURAÇÃO TOTAL	4'159					

EPISÓDIOS e EVENTOS ...EP ₁ \$...C ₂ \$						BLOCO 4
AL ₂ e SF						
TEXTO	todo (o) dia ficava mordendo a escada					//
TIPOLOGIA					PS ₅	
DURAÇÃO						1'072

EPISÓDIOS e EVENTOS ...EP ₂ ... EV ₁ ...						BLOCO 5
AL ₂ e SF				SF ₄		
TEXTO	[a'i]	uma vez eu fui	[pĩ ⁿ]	//	[2ε	:]
TIPOLOGIA	PP ₃		FP ₃	PS ₆	PP ₄ +D ₅	
DURAÇÃO PARCIAL	330		170	222	425	
DURAÇÃO TOTAL						817

EPISÓDIOS e EVENTOS...EP₂...EV¹... BLOCO 6

AL₂ e SF SF₅ SF₆ AL₃
 TEXTO fui pint [a :] (r) // o telhado de novo
 TIPOLOGIA D₆ PS₇
 DURAÇÃO 501 414

EPISÓDIOS e EVENTOS EP₂...EV₁... C₃ BLOCO 7

AL₃ e SF SF₇
 TEXTO // ['d.....e.... j.....li f :] ele já tava maior
 TIPOLOGIA PS₈ PP₅ FP₄ PP₅ FP₄ FP₅ + D₇
 DURAÇÃO PARCIAL 620 172 229 197
 DURAÇÃO TOTAL 1'218

EPISÓDIOS e EVENTOS...EP₂...EV₂\$ BLOCO 8

AL₃ e SF SF₈ SF₉
 TEXTO // ele foi roe(r) // [2a :] // a escada
 TIPOLOGIA PS₉ PS₁₀ FP₆+D₈ PS₁₁
 DURAÇÃO PARCIAL 217 886 512 638
 DURAÇÃO TOTAL 2'036

EPISÓDIOS e EVENTOS...EP₂...EV₃\$ EV₄... BLOCO 9

AL₃ e SF SF₁₀ SF₁₁
 TEXTO // [i :] derrubo(u) // [d] eu cai lá
 TIPOLOGIA PS₁₂ D₉ PS₁₃ PP₆
 DURAÇÃO 215 328 724 104

EPISÓDIOS e EVENTOS...EP₂\$...EV₄\$ BLOCO 10

AL₄ e SF SF₁₂
 TEXTO [dʒi'simʋ] // de cima do telhado //
 TIPOLOGIA FP₇ PS₁₄ PS₁₅
 DURAÇÃO PARCIAL 355 1'866 497
 DURAÇÃO TOTAL 2'221

(Interrupção) Pesq.: É isso? AL: É.

EPISÓDIOS e EVENTOS EP₃\$...EV₁\$ BLOCO 11

AL₄ e SF SF₁₃ SF₁₄
 TEXTO [da'i] depois [fu'ip.ɾu] // fui pr'ospital
 TIPOLOGIA PP₇ FP₈ PS₁₆
 DURAÇÃO PARCIAL 468 739 612
 DURAÇÃO TOTAL 1'351

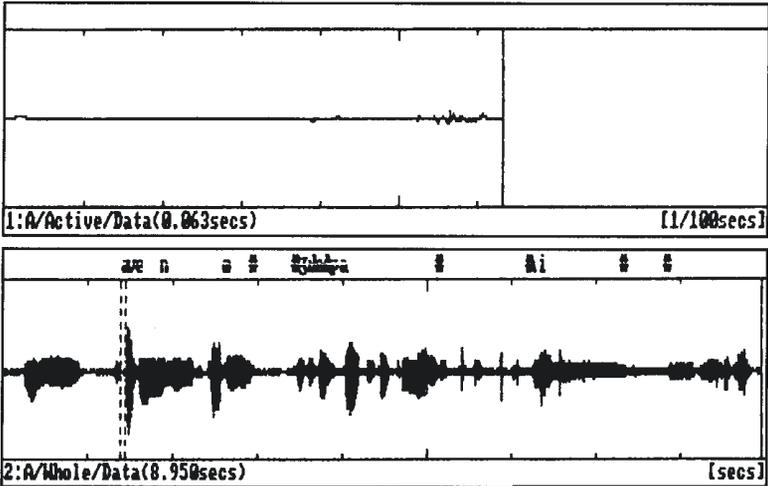
EPISÓDIOS e EVENTOS CODA BLOCO 12

AL₄ e SF SF₁₅
 TEXTO // é isso.
 TIPOLOGIA PS₁₇
 DURAÇÃO 1'416

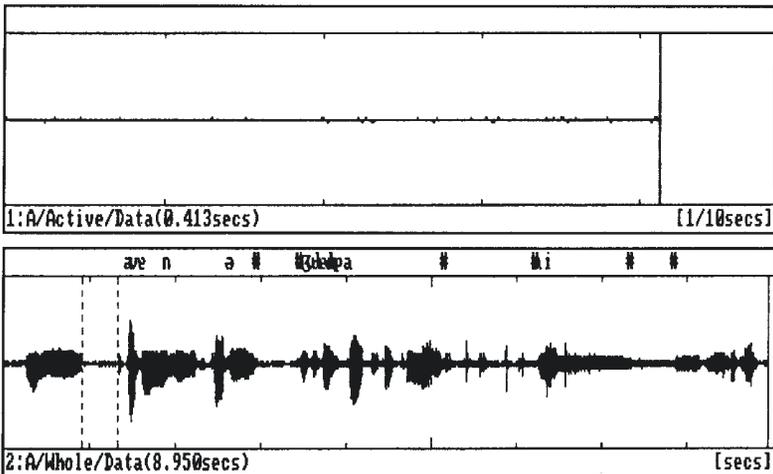
TEXTO ESCRITO PRODUZIDO POR AL

EP₁ e C₁ C₈ CON₁
Meu pai estava pintando a minha casa de praia e eu estava
PT₁
ajudando-o.
C₃
Eu sempre ficava pintando o meu quarto em cima de uma
PT₂ C₄
escada. O meu cachorro sempre ficava roendo a escada
C₅ CON₂ V₁ C₆ PT₃
enquanto eu pintava, ele tinha somente 3 meses de vida.
EP₂ EV₁ V₂ EV₂ CON₃ V₃
Uma vez, eu fui pintar outro quarto e o meu cachorro ,
C₁ CON₄ V₄ EV₂ V₅ EV₃ CON₅
que já era maior , foi roer a escada de novo , e com sua
PT₄
força me derrubou.

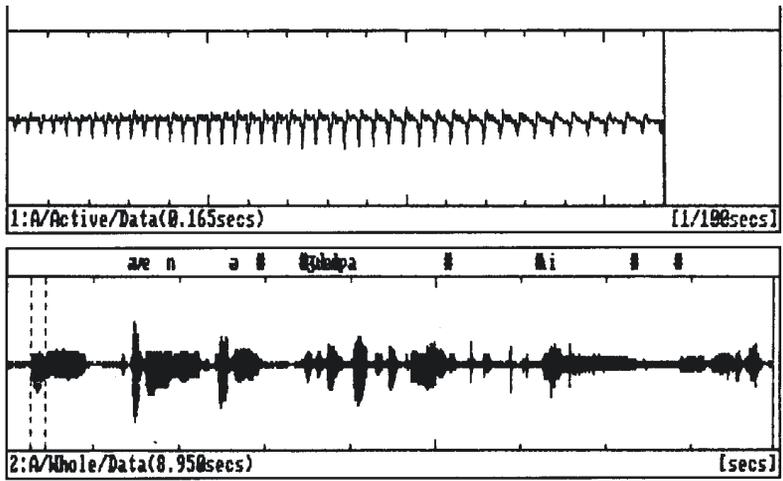
ANEXO 2



Espectrograma 1.
Silêncio que precede a ruptura da oclusiva surda [t], com 63 ms.



Espectrograma 2:
Pausa Silenciosa (PS¹) com 413 ms.



Espectrograma 3:
 Pausa de Preenchimento (PP₂) [a], com 165 ms.